



HISTÓRIA, CULTURA E SERTÃO: o sertanejo norte-mineiro

History, Culture and Sertão: the northern Minas Gerais country people

Historia, Cultura e Sertão: los campesinos del norte de Minas Gerais

Gy Reis Gomes Brito¹

Maria das Graças Girardi Ribeiro²

Ciro Carlos Antunes³

RESUMO: Esta pesquisa versa sobre cultura e sertão no norte de Minas Gerais, tematizando as ricas manifestações culturais como as festas, as religiosidades em meio a um ambiente geográfico específico. A questão de pesquisa é: como as características geográficas do sertão norte-mineiro influenciam a identidade e as práticas sertanejas? O objetivo geral é analisar a interação entre cultura e sertão do norte de Minas Gerais explorando como suas características geográficas influenciam a identidade e o saber local. Os objetivos específicos são: investigar como as condições climáticas, geográficas do sertão afetam a atividade econômica e a subsistência da população local; analisar a influência da cultura sertaneja na vida cotidiana do sertão; explorar como o sertão, como cenário de desafios, contribui para a formação da identidade sertaneja, suas representações na literatura e na cultura popular. A pesquisa foi conduzida por meio da pesquisa qualitativa com análise textual e documental. Sendo assim, as características geográficas e culturais desse sertão desempenham um papel fundamental na formação da identidade. As condições climáticas adversas e a paisagem árida impactam nas atividades econômicas da população local, no entanto, a construção da identidade não se encontra apenas nos modos difíceis de viver, mas permanece solidificada nas palavras, nos gestos de pessoas determinadas, em espaços e tempos predeterminados para garantir, assim, a ligação entre profano e sagrado, e todo esse ambiente simbólico permanece entrelaçado nas rezas, benzeduras, nas oferendas, nas penitências para alcançar a graça da chuva, nos banhos de ervas do mato e nas festas. Assim, as conclusões finais destacam a importância de potencializar e valorizar a cultura sertaneja, reconhecendo-a como parte fundamental do patrimônio cultural brasileiro.

Palavras-chave: Sociedade; Cultura; Sertão; Ambiente.

¹ Professor da Universidade Estadual de Montes Claros, Unimontes, Brasil. E-mail: gyreis@yahoo.com.br.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social (PPGDS), Unimontes, Brasil. E-mail: mariagirardiadv@gmail.com.

³ Professor da Universidade Estadual de Montes Claros, Unimontes, Brasil. E-mail: cicaranms@gmail.com.



ABSTRACT: This research deals with culture and backlands in the north of Minas Gerais, focusing on the rich cultural manifestations such as festivals and religiosities in the midst of a specific geographic environment. The research question is: how do the geographical characteristics of the northern hinterland of Minas Gerais influence country identity and practices? The general objective is to analyze the interaction between culture and the hinterland of northern Minas Gerais, exploring how its geographical characteristics influence local identity and knowledge. The specific objectives are: to investigate how the climatic and geographical conditions of the hinterland affect the economic activity and subsistence of the local population; analyze the influence of country culture on everyday life in the backlands; explore how the sertão, as a scenario of challenges, contributes to the formation of the sertaneja identity, its representations in literature and popular culture. The research was conducted through qualitative research with textual and documentary analysis. Therefore, the geographical and cultural characteristics of this hinterland play a fundamental role in the formation of identity. Adverse climatic conditions and the arid landscape impact the economic activities of the local population, however, the construction of identity is not only found in difficult ways of living, but remains solidified in the words, gestures of determined people, in predetermined spaces and times. to guarantee, therefore, the connection between profane and sacred, and this entire symbolic environment remains intertwined in prayers, blessings, offerings, penances to achieve the grace of rain, baths with wild herbs and festivals. Thus, the final conclusions highlight the importance of enhancing and valuing country culture, recognizing it as a fundamental part of Brazilian cultural heritage.

Keywords: Society; Culture; Sertão; Environment.

RESUMEN: Esta investigación aborda la cultura y el interior del norte de Minas Gerais, centrándose en las ricas manifestaciones culturales, como fiestas y religiosidades, en medio de un entorno geográfico específico. La pregunta de investigación es: ¿cómo influyen las características geográficas del interior norte de Minas Gerais en la identidad y las prácticas del país? El objetivo general es analizar la interacción entre la cultura y el interior del norte de Minas Gerais, explorando cómo sus características geográficas influyen en la identidad y el conocimiento local. Los objetivos específicos son: investigar cómo las condiciones climáticas y geográficas del interior afectan la actividad económica y la subsistencia de la población local; analizar la influencia de la cultura rural en la vida cotidiana del interior del país; explorar cómo el sertão, como escenario de desafíos, contribuye a la formación de la identidad sertaneja, sus representaciones en la literatura y la cultura popular. La investigación se realizó a través de una investigación cualitativa con análisis textual y documental. Por tanto, las características geográficas y culturales de este interior juegan un papel fundamental en la formación de la identidad. Las condiciones climáticas adversas y el paisaje árido impactan las actividades económicas de la población local, sin embargo, la construcción de identidad no sólo se encuentra en formas difíciles de vivir, sino que permanece solidificada en las palabras, gestos de personas determinadas, en espacios y tiempos predeterminados. para garantizar, por tanto, la conexión entre lo profano y lo sagrado, y todo este entorno simbólico queda entrelazado en oraciones, bendiciones, ofrendas, penitencias para alcanzar la gracia de la lluvia, baños con hierbas silvestres y fiestas. Así, las conclusiones finales resaltan la importancia de valorizar y valorizar la cultura del país, reconociéndola como parte fundamental del patrimonio cultural brasileño.

Palabras clave: Sociedad; Cultura; Sertón; Ambiente.

Introdução

Este artigo versa sobre cultura e sertão no norte de Minas Gerais, envolvendo aspectos da vida cotidiana, do desenvolvimento sociocultural em relação com ambientes sertanejos, que são caracterizados por condições geográficas específicas, como: climas áridos e semiáridos. Esta temática tornou-se especialmente relevante em regiões como: Norte de Minas Gerais, Nordeste do Brasil, partes da África, da Índia e outros lugares ao redor do mundo onde o ambiente desafia a sobrevivência humana, ao mesmo tempo em que inspira a criação de culturas únicas.

Sendo assim, nesta perspectiva sobre a relação entre cultura, ambiente e sertão, entende-se que houve a criatividade humana, porque a vida no sertão muitas vezes exigem adaptações e transformações específicas para enfrentarem as condições climáticas e geográficas desafiadoras, como: escassez de água e dignidade de sobrevivência, por exemplos. Visto que o modo de vida sertanejo engendra um amplo espectro de manifestações culturais em seu espaço, logo, isso influencia as práticas agrícolas, os sistemas de irrigação, bem como a arquitetura das habitações.

O sertão foi composto por migração e urbanização com passar do tempo veio a dificuldade de vida no sertão, que muita vez levou à migração de pessoas para cidades a procura de trabalho ou prestação de serviço. Diante disso, vale lembrar que a dificuldade das pessoas sertanejas implicavam na escassez de água, pois o sertão permaneceu uma região caracterizada pela falta de chuvas regulares, conseqüentemente, não havia água potável para beber, cozinhar e irrigar cultivos, simultaneamente, tornou-se um desafio constante aos moradores dessa região; há secas frequentes e altas temperaturas e a exposição constante ao sol tornam a vida no sertão; existe pouca infraestrutura, concomitantemente, muita pobreza e desigualdade social, e a falta de oportunidades econômicas e educacionais pode perpetuar o ciclo de pobreza; nos dias atuais, sabe-se que agricultura consiste em ser uma atividade econômica importante no sertão, mas as condições climáticas adversas e a falta de recursos adequados tornam a produção de alimentos uma tarefa desafiadora. Por isso, há o êxodo rural, em que as pessoas procuram oportunidades de emprego e melhores condições de vida, o que pode levar ao despovoamento de algumas áreas rurais. Em geral, as pessoas que moram no sertão torna-se vulnerável aos desastres naturais, pois, além das secas, o sertão também está sujeito a inundações esporádicas e outros desastres naturais, que podem agravar as condições de vida. Apesar desses desafios, o povo sertanejo demonstra resiliência e adaptabilidade, buscando soluções criativas para enfrentar as dificuldades e melhorar suas condições de vida. Muitos programas governamentais e organizações não governamentais também trabalham para melhorar as condições no sertão, fornecendo assistência e promovendo o desenvolvimento sustentável na região. Por essa razão, isso tem implicação social e econômica significativa e aqueles que optam por permanecer precisam reorganizar, reestruturar a sua vida, de acordo com clima e tempo. Por isso, o sertão frequentemente serve como pano de fundo para obras literárias, cinematográficas e artísticas que exploram a condição humana, a resiliência e as contradições da vida nessas regiões áridas.

O sertão, como um ambiente marcadamente específico, exerce uma influência profunda na construção da identidade do sertanejo, influenciando sua cultura, valores e modo de vida. O sertão brasileiro é uma região definida por condições climáticas extremas e uma paisagem árida, que desafia os sujeitos que ali habita a adaptar-se a um ambiente hostil. Esse desafio constante de sobrevivência no sertão influencia a cultura e as práticas do ser sertanejo, sua relação com terra, religiosidade e costumes locais (SILVA, 2007). A cultura sertaneja é, portanto, uma complexa teia simbólica das condições e das relações dos indivíduos com esse espaço chamado sertão.

A questão de pesquisa é como a cultura e as características geográficas do sertão norte-mineiro influenciam a identidade e as práticas do modo de vida sertanejo? Nesse sentido, o objetivo geral é analisar a interação entre cultura e sertão norte-mineiro, explorando como as características geográficas influenciam a identidade e as práticas dos habitantes locais. Por essa razão, entende-se que o gerenciamento ambiental desempenha um papel fundamental, nos dias atuais, na medida em que se depara com desafios relacionados às mudanças climáticas, à gestão ambiental e à escassez de recursos naturais. Dessa forma, para lidar diante dessas questões tornou-se obrigatório haver política pública, que é essencial ao desenvolvimento. Logo, essas políticas estabelecem diretrizes e regulamentações que visam proteger o meio ambiente, promover a sustentabilidade e equilibrar o desenvolvimento econômico com conservação ambiental.

O gerenciamento ambiental envolve a gestão responsável dos recursos naturais, a redução da emissão de substâncias poluentes, a conservação da biodiversidade e a promoção da energia limpa. Políticas públicas são fáceis para criar um ambiente regulatório que incentive as empresas e os cidadãos a adotarem práticas mais sustentáveis. Além disso, a qualidade de vida está intrinsecamente ligada ao gerenciamento ambiental. Um ambiente saudável, com ar limpo, água potável e espaços verdes, contribui para haver a qualidade de vida das pessoas. As políticas públicas devem priorizar a criação e manutenção de ambientes saudáveis para a população, ou que envolvam a implementação de estratégias de qualidade de vida.

Por isso, a educação desempenha um papel crítico na promoção do gerenciamento ambiental e na conscientização acerca da importância de práticas sustentáveis. Programas educacionais que ensinam a conservação dos recursos naturais, a reciclagem e a redução do lixo são essenciais para promover uma sociedade consciente do meio ambiente. Por

consequente, a assistência médica é outra área em que as políticas públicas desempenham um papel vital. As mudanças climáticas e a poluição têm efeitos diretos na saúde humana. Portanto, garantir o acesso a cuidados médicos de qualidade e promover políticas de saúde pública que abordem os impactos ambientais na saúde são cruciais para efetivar a sustentabilidade.

Nesse sentido, a segurança alimentar é uma preocupação crescente, à medida que a população mundial continua a crescer. O gerenciamento ambiental desempenha um papel na produção de alimentos sustentáveis, protegendo a fertilidade do solo e promovendo práticas agrícolas responsáveis. Políticas públicas que incentivam a agricultura sustentável e a distribuição equitativa de alimentos são fundamentais para garantir que as pessoas tenham acesso a uma alimentação saudável.

Por fim, o gerenciamento ambiental, as políticas públicas, as estratégias de qualidade de vida, a educação, a assistência médica e a segurança alimentar estão interligadas e desempenham papéis complementares na construção de um futuro sustentável. A ação coordenada nessas áreas é essencial para garantir que as futuras gerações possam desfrutar de um planeta saudável e de uma alta qualidade de vida.

Segundo Câmara Cascudo (1952), o sertão é uma região que desafia os habitantes a adaptarem-se a um ambiente hostil, moldando sua cultura e valores. O antropólogo Darcy Ribeiro (1997) destaca a importância da cultura sertaneja na formação da identidade nacional, ressaltando sua influência na música e literatura brasileira.

A pesquisa foi conduzida por meio de uma abordagem qualitativa, análise textual e análise documental. Por isso, realizou-se um estudo no Norte de Minas Gerais (MG) por ser uma região específica do sertão brasileiro. As informações coletadas foram analisadas por meio da análise de conteúdo, identificando padrões e tendências que surgem das narrativas dos entrevistados.

Os resultados da pesquisa revelaram que as condições climáticas adversas do sertão desempenham um papel fundamental na configuração das atividades econômicas e modos de vida da população local. Além disso, a cultura sertaneja, as festas, os rituais e às tradições constituíram-se num elemento de coesão social e identidade cultural aos sertanejos, à medida que desempenhava um papel importante na forma como enfrentavam os desafios do sertão.

As condições climáticas adversas do sertão norte-mineiro desempenham um papel significativo na coesão social das comunidades sertanejas. Esta região, que abrange parte do estado de Minas Gerais, é conhecida pelo clima árido e suas características geográficas que desafiam a vida na região. Essas condições climáticas adversárias incluem chuvas escassas e irregulares, altas temperaturas, solos áridos e um cenário que se adapta a situações, como a caatinga.

A escassez de água é um dos principais desafios enfrentados pelos habitantes do sertão norte-mineiro. A irregularidade das chuvas faz com que uma região sofra com secas prolongadas, o que leva à escassez de água potável e à dificuldade de irrigação à agricultura. No entanto, essa adversidade climática tem impacto direto na coesão social das comunidades sertanejas.

A luta coletiva pela sobrevivência num ambiente tão hostil fortalece os laços entre os habitantes do sertão. A solidariedade é uma característica marcante nessas comunidades, uma vez que as pessoas se unem para enfrentar os desafios impostos pelo clima. A partilha de recursos limitados, como água, alimentos e abrigo, é uma necessidade constante, e as relações desempenham um papel vital na assistência mútua.

Além disso, as adversidades climáticas do sertão muitas vezes levam ao desenvolvimento de estratégias de adaptação únicas. As comunidades sertanejas criam sistemas de captação e armazenamento de água, como cisternas, e utilizam técnicas agrícolas adaptadas à escassez de chuvas, como a agricultura de sequeiro. A transmissão de conhecimento sobre essas práticas entre gerações reforça ainda mais a coesão social, à medida que as comunidades trabalham juntas para superar os desafios pelo clima. Além disso, a cultura do sertão desempenha um papel fundamental na coesão social. As festas, músicas e tradições locais desempenham um papel importante na manutenção da identidade e da coesão das comunidades sertanejas. O apoio mútuo em tempos de escassez e adversidade é uma característica cultural profundamente enraizada nas comunidades do sertão.

A necessidade de enfrentar os desafios climáticos extremos leva a uma solidariedade mais forte entre os habitantes do sertão e promove a adoção de práticas de adaptação sustentável. Essa coesão social é um elemento vital à sobrevivência e ao florescimento das comunidades sertanejas diante das condições climáticas adversas.

Esta pesquisa demonstra a importância de compreender a interação entre cultura e sertão, ao destacar como o ambiente geográfico influencia a identidade e as práticas dos

habitantes do sertão brasileiro. Perspectivas futuras de pesquisa podem explorar ainda mais os aspectos econômicos, sociais e culturais dessa região, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada da complexa dinâmica entre modos de vida e o sertão.

Múltiplos olhares sobre cultura e identidade

O objetivo da Antropologia, segundo Geertz (1989) é permitir o alargamento do universo do discurso humano. Sendo assim, a ampliação do universo cultural propícia o encontro de mundos outros, em meio a distintos modos de instrução, arte, habilidades práticas, éticas e descoberta da ordem natural e social. A antropologia não seria a única ciência a perseguir esse alargamento. O conceito de cultura semiótica adapta-se como “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis”, como “um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos com densidade” (GEERTZ, 1989, p. 25). Nos dias atuais, entende-se que os complexos sistemas de símbolos interligados à cultura não são específicos de uma autoridade, algo que os eventos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos são atribuídos acidentalmente, porque representa um ambiente, algo no qual eles podem ser descritos com profundidade.

Segundo Woodward (2000), para compreender como a identidade funciona seria necessário conceituá-la e separá-la em diferentes dimensões, porque operacionalizaria com categoria de essencialistas, sobre quem pertencia e não pertencia ao determinado grupo identitário, ao torná-la fixa e imutável. A sua diferença sustenta-se por uma marcação simbólica relativa a outras, pelas várias estampas de bens materiais e de consumos pessoais, como: uniformes, bebidas, bandeiras, por exemplos. Dessa forma, poderia vê-la vinculada à condição social e material, em que os símbolos tornar-se-iam instrumentos necessários para construção e manutenção da identidade, as quais requerem um exame dos sistemas classificatórios. Nesse sentido, “o corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem nós somos, servindo de fundamento para a identidade – por exemplo, a identidade sexual” (WOODWARD, 2000, p. 15). Sendo assim, na constituição da sociedade, os seus processos de construção levaram a obter resultado variado ao se observar como firmou a construção da identidade pela lente da matéria-prima que a história fornecia por meio dos vários campos das instituições que organizaram a sociedade.

Já nas palavras de Goodenough, citado por Geertz (1987, p. 21) “[...] a cultura de uma sociedade consiste no que quer que seja que alguém tem que saber ou acreditar a fim de agir de uma forma aceita pelos seus membros”. Pode-se dizer que a cultura estabelece a comunhão de determinados valores, assim, propiciou uma identificação entre grupos existentes. Visto que, cada coletivo social possuía seu modo de viver, suas crenças, suas verdades, porque havia em si um conjunto cultural. Nesse sentido, a cultura torna-se relacionada a identidade, pois a peculiaridade de cada pessoa tornou-se um processo de construção de significado com base num conjunto de atributos culturais inter-relacionados.

Ao compreender a organização da atividade social, suas formas institucionais e os sistemas de ideias que as animavam, como: natureza das relações existentes entre si foi feito perante ao sentido que se dirigia e se tinha a iniciativa de esclarecer os conceitos de estrutura social e cultura. Por esse viés, fez-se averiguação dos padrões culturais, dos símbolos significativos ordenados, que o ser humano encontrava sentido nos acontecimentos através dos quais ele vive. No mundo político nota-se claramente essa situação dos padrões culturais, pois a cultura de um país gira em torno da organização política e ao ser uma organização democrática, onde o cidadão tem direito ao voto há possibilidade de diferenciação de identidade tornar-se real, enquanto numa situação política baseada numa cultura aristocrática a situação se inverte.

Por isso, na visão de Castells (1999), existe uma distinção entre três formas e origens de construção de identidades: i) identidade de resistência; ii) identidade de projeto; iii) o processo de construção identitária de pertencimento. E, para Rutherford (1990), a identidade funde passado com presente e aponta o futuro com perspectiva, pois relações e interações humanas foram estabelecidas, de acordo com afinidades anteriores para concretizar-se por meio das relações econômicas e políticas por meio das relações de poder. Assim, todos os povos desenvolveram estruturas simbólicas nos termos das quais as pessoas eram percebidas como tais, como simples membros sem adorno da raça humana, mas como representante de certa categoria distinta de pessoas, tipo específico de indivíduo. Em cada caso, em que era separado, surgiu, inevitavelmente, uma pluralidade, que não tira a autenticidade da identidade, de tais estruturas.

As formas pelas quais as culturas estabeleciam fronteiras e distinguiam as suas diferenças foram cruciais para compreender a identidade do outro, ao estabelecer a distinção, frequentemente, como a ideia do sagrado e profano na forma de oposição, em que as

identidades eram construídas por meio duma clara e firme oposição entre “nós” e “eles”. A concepção de diferença foi fundamental para compreender o processo de construção cultural das identidades. Assim, a linguagem e a cultura sustentaram sentidos às experiências que se tem de si por meio da identidade própria.

As dualidades do sertão brasileiro: imaginário cultural e a construção da identidade do sertão norte-mineiro

O brasileiro foi constituído por elementos populares oriundo da miscigenação cultural. A identidade a que referimos trata-se da noção de ser fiel a si mesmo, confirmando e expressando suas crenças, valores, desejos e identidade pessoal de maneira sincera. Envolver uma busca de uma compreensão profunda de quem somos, o que nos faz únicos, e a capacidade de viver de acordo com esses princípios, em vez de se conformar com expectativas externas ou moldar-se para agradar aos outros. A implicar em alinhar as ações, escolhas e comportamentos, promovendo uma sensação de integridade e bem-estar, tanto no âmbito individual quanto nas interações sociais. É um processo contínuo de autorreflexão e autoaceitação, fundamental para o desenvolvimento pessoal e o estabelecimento de relações significativas com os outros. Assim, no sertão, há uma pluralidade de identidades, construídas por diferentes grupos sociais em diferentes momentos históricos por meio das trocas simbólicas e no patrimônio cultural. E, isso foi percebido na história do Brasil e alhures. Por isso, conhecer o sertão, em especial, o sertão norte-mineiro era ter em mãos as visões poéticas. A descrição subjetiva e técnica metafórica teve a sua importância, pois o sertão e região estavam aparentemente distintos, mas, que, ao mesmo tempo, se complementam e se entrelaçam numa teia de significados sociais.

Nesse sentido, segundo Silva (2007, p. 66), o sertão mineiro em si, por si só, formou no vazio a sua cultura política por meio do pertencimento e reconhecimento do ser sertanejo, astuto e viril fundou-se na bravura, na honra e na vingança uma norma veiculada e aceita pela população. Desse modo, na visão de Cunha (1992), o Sertanejo constituía-se em um ser forte, ao mesmo tempo não tinha habilidades táticas nem desportivas, pois lhe faltava algumas competências e habilidades de algumas lutas. Assim, afirmou que o andar do sertanejo era sem firmeza e possuía membros sem boas articulações, porém eram humildes, simples e singelos, pois vivia a recostar em algum objeto ou parede que lhe permitia ficar em

pé, em geral, andava montado a cavalo e era de poucas palavras.

O imaginário do sertão foi construído a partir da perspectiva de que se o governo não chegaria ao sertão, conseqüentemente, a civilização. Em decorrência disso, a pequena população do sertão foi imaginada, como: pobre, miserável, forte, brava, machista, atrasada, ignorante, violenta, inquieta, revoltosa, supersticiosa, religiosa, devota, resignada, criativa, sem lei, livre, respeitadora, austera e móvel. A sociedade era composta por um povo tradicional, anacrônico, rural, latifundiário, autoritário e rústico. Dessa maneira, o sertão foi traduzido como a ser um espaço liso, porque era um espaço aberto, ocupado sem ser pré-determinado e codificado. Era caracterizado pela diversidade, heterogeneidade e descentralização. Constituía-se num espaço que não era controlado pelo aparato do Estado, diferentemente do espaço estriado, que era a organização fruto da presença da estrutura estatal, com respectivos órgãos de poder, a propriedade privada e a organização do trabalho (SCHETTINO, 1995).

Há uma alusão ao sertão como a ser um espaço sem controle estatal ou uma luta contra esse comando. Espaço em que o poder se organiza localmente, de forma autônoma e exterior aos órgãos de poder do Estado, como no mandonismo local. Mesmo com característica de organização que lhe era peculiar, o sertão aos poucos se moldava na dinâmica do projeto republicano e, concomitantemente, no entremeio das emoções fortes e arrebatadoras que foram paulatinamente a transformar em sertão. Assim, se construía num novo espaço indomável e violento.

O Sertão norte-mineiro, no século XX, estava formado por espaços com ocupação humana dispersa, com raras aglomerações populacionais distantes uma das outras, caracterizadas na arquitetura por povoados, vilas e pequenas cidades. Assim, o sertão era representado como lugar despovoado. Inicialmente, nas pequenas vilas, o primeiro sinal ou ícone de representação do lugar/sertão era um cruzeiro e uma pequena capela e raras casas de adobe e pau a pique. As imagens sociais eram marcadas por elementos como coronel, pistoleiro, jagunço, município, eleições, guerras, revoltas, emboscadas, traição, alcoolismo. Nessa paisagem social, as relações, por serem idealmente igualitárias, contribuíam efetivamente para que o vaqueiro viria a si tornar compadre do fazendeiro ou, raramente, até mesmo genro.

No sertão, a caça e a coleta permaneceram como importantes fontes de sobrevivência, visto que a diversidade vegetal e animal do cerrado e sua abundante oferta de

recursos compunham a sobrevivência dos que nele habitava. Recursos esses utilizados na alimentação, na produção de remédios caseiros para várias enfermidades, além de matéria-prima para diversos fins.

Dessa forma, as características geográficas do sertão mineiro desempenham um papel fundamental na formação da identidade sertaneja. A aridez do clima, as vastas extensões de caatinga e a escassez de recursos hídricos influenciaram a vida das comunidades locais ao longo dos séculos. A necessidade de adaptação a um ambiente exige a dependência da agropecuária de subsistência influenciando profundamente a cultura e os modos de vida dos habitantes do sertão. Essa realidade geográfica forjou uma forte conexão à terra, a religiosidade e a solidariedade comunitária, aspectos que se refletem na identidade sertaneja, marcadamente pela resiliência, pela riqueza das tradições culturais, como a música, o artesanato, as festas populares, pela valorização da história e o legado dos sertanejos. Assim, as características geográficas do sertão mineiro desempenham um papel central na construção da identidade sertaneja, que se enraíza profundamente no ambiente e nas experiências vívidas por suas pessoas.

Que lugar é este chamado: sertão, ser, tã, sertão

Nos dias atuais, sabe-se que a formação de Minas Gerais foi por homens sombrios, discretos, reservados, silencioso e de poucas palavras, que foi desigual da Minas baiana de indivíduos faladores e expansivos. Minas dos planaltos improdutivos ao longe com vastos horizontes, aonde o sujeito corre e o pensamento dispersar-se (SILVA, 2003).

Segundo Araújo (2000), a palavra “sertão” deriva-se do português, provavelmente do século XV, mas sua etimologia tornou-se obscura. E, Caminha (2002, p. 10 e 13) nos versos “não duvido que por esse sertão haja muitas aves” (p. 10) e “pelo sertão nos apareceu, vista do mar, muito grande” (p. 13). Percebe-se que o autor fazia alguma descrição da primeira vista do Brasil ainda em descobrimento aos portugueses. Nesse sentido, cinquenta anos mais tarde, escreveu que: “a conversão do gentio à fé católica só era possível quando se povoando este sertão” (NAVARRO, 1965, n.p). Já o plural “sertões” e o adjetivo “sertanejo” devem ser brasileirismos, porque o primeiro apareceu empregado, em 1592, na confissão dum mameluco à mesa do Santo Ofício: “tornou algumas vezes em outras companhias a outros sertões”, o segundo é usado, por exemplo, numa instrução de 1761, assinada pelo secretário

de Estado Francisco Xavier de Mendonça Furtado: “por isso Sua Majestade facultou pois aos sertanejos daquele país em geral a cultura das referidas minas” (MENDONÇA, M. C., 2005, n.p.). Sendo assim, há a etimologia da palavra “sertão”, tanto no singular e plural como adjetivo.

Por ser tão vasto, tão ermo, tão longe o sertão tornou-se o encontro do sertanejo, à medida que realizava por vários ângulos, na realidade, por alguns traços de comportamentos originados do viver em ambiente e condições específicas, como resultado da imposição inexorável da cultura portuguesa em regiões tão vastas e tantas vezes de população rala e dispersa. Nesse sentido, Araújo (2000) reiterou que o sertanejo não era homogêneo, porque o pulsar da vida era preenchido por meio das circunstâncias. Mas, afirmou que a relação cidade e campo foi estabelecida por meio do poder administrativo. Assim, advertiu em haver um padrão singular e unificado. Dessa forma, essa situação procedia com Minas Gerais, antes da descoberta do ouro e do processo de urbanização, porque referir-se-ia essa região de sertão dos cataguazes.

Os primeiros movimentos das povoações e o surgimento das estradas do interior do Brasil, especificamente das estradas reais e gerais ocorreu, no final do século XVIII e início do XIX, a pedido da coroa para maior controle acerca do interior da colônia de grande riqueza mineral, se deve efetivamente, as explorações dos sertanistas baianos, bandeirantes paulistas e as missões jesuítas, ao abrir caminho para criação de gado e a descoberta do ouro nas Gerais. As minas de cidades foram interligadas por caminhos de muito fluxo, por isso, a metrópole para lá se dirigiu, mas os Gerais, pelos olhares oficiais teve pouco valor. Os gerais percebido, na metade do século XVIII, como, lugar sem minas de ouro, sem agricultura comercial, sem laços mercantis e sem controle governamental. Naquele período havia um distanciamento do cidadão ao sertão, em especial, em Minas Gerais, porque se tornou espaço de fronteiras abertas e de várias possibilidades de expansão. No início do século XIX, o sertão norte-mineiro permanecia com quantitativo mínimo de população, habitado por quem não participava da lógica da colonização.

O sertão brasileiro é uma região cuja história de povoamento e atividades econômicas se entrelaça de maneira profunda, dando origem a uma identidade sertaneja única. Ao longo dos séculos, o processo de expansão e colonização do interior do país foi marcado por desbravadores que enfrentaram desafios geográficos e climáticos extremos. A atividade agropecuária desempenha um papel fundamental nesse contexto, como: criação de gado,

agricultura de subsistência e produção de produtos típicos do sertão, por exemplo, caju e algodão. Essas práticas econômicas forjaram não apenas a paisagem, mas também a cultura e a identidade do povo sertanejo, caracterizadas pela resiliência, pela valorização da música e da tradição oral, e pelo forte vínculo que se tem perante à terra árida que aprenderam a domar. A relação intrínseca entre processo de povoamento, as atividades agropecuárias e a identidade sertaneja é um testemunho da capacidade humana de si adaptar e prosperar em condições adversárias, criando uma história rica e única na vastidão do sertão brasileiro.

Assim, a ocupação do Estado de Minas Gerais, segundo Amantino (2008), asseverou que, os administradores da colônia não possuíam meios adequados e precisos para situar geograficamente o sertão, pois o termo “não designa uma divisão política do território, é uma divisão vaga e convencional determinada pela natureza particular do território, escassez da população” (2008, p. 85). Só eram assinaladas como sertão, as regiões localizadas em torno das margens do rio São Francisco e seus afluentes, ao estreitar assim, boa parte do território dessa capitania.

Sendo assim, os viajantes europeus tiveram um papel significativo no processo de delimitação territorial brasileiro. O artifício de colonização, no Brasil, estruturou no início do século XIX, ao configurar os contornos da sociedade sertaneja, em Minas, que se opunha, culturalmente, ao litoral, sociedade essa que eleva o lugar de terreno árido e vazio, além de ser sustentado pela ignorância e desconhecimento. Assim, buscou compreender geograficamente o sertão. Diante disso, Denis (1955) delimitou o sertão de Minas Gerais pela latitude de 13° aproximadamente 21°. Nesse sentido, Rosa (1984, p. 31) trabalhava na mesma linha de raciocínio sobre os limites do sertão, porque os “dois sertões do rio: [...] do Jequitinhonha a serra das Araras, da beira do Jiquitaia à barra do verde grande, do rio Gavião até nos Montes Claros, de Carinhanha até Paracatu [...]”. Essa foi a delimitação do sertão norte-mineiro, de acordo com autores supracitados.

No passado o termo sertão ou certão, foi muito utilizado para distinguir e contrapor paisagens consideradas humanizadas, conquistadas e civilizadas, o inverso daquelas terras de populações de homens bravios e destemidos. O sertão foi definido como antítese e negação da cultura, tornou-se, para a Metrópole e seus administradores, o espaço da negação de alteridade. Por isso, os colonizadores podiam e deviam dominar por meio da civilização aqueles que viviam e se encontravam fora do processo de civilização. Na verdade, havia os lugares conhecidos dos interesses oficiais, nomeados e povoados, em contraposição aos não

lugares, paisagens obscuras e incultas. As realidades não eram objetivas quando se falam do sertão. A ausência duma atividade que viria a ser lucrativa ao mercado contribuiu para solidificar a visão distorcida do sertão, porque esse era distante do litoral. Logo, a concepção que se tinha não era a partir da perspectiva geográfica, mas, pela centralidade política, no que diz respeito ao controle ou proximidade do aparato administrativo. E, segundo Salmen, (2005, p. 76) “a força da categoria localiza-se não em si mesma, mas no significado que a experiência histórica das sociedades que a utilizam lhe conferiu”. Assim, a ideia do sertão, como foi apresentada, traduz um conjunto de experiências sociais dos sujeitos que o nomeiam, os sentidos eram representações de misturas de diversos elementos sociais, ora ambíguos, antagônicos, ora contraditórios. Portanto a categoria civilização, serviu fundamentalmente para enquadrar um conjunto de diferenciações ao caracterizar a paisagem do sertão dentro do contexto de: religiosidade, urbanidade e costumes. Por essa razão, era, assim, que os habitantes de Minas Gerais no século XVIII concebiam o Sertão.

Terra dos homens: homens de caminho, tropeiros, vaqueiros, lavradores, pistoleiros, sertanejos

O sertão norte-mineiro foi conquistado e povoado por lavradores e vaqueiros, que, aqui, foi denominado de: Tropeiros, vaqueiros e garimpeiros; homens de muita coragem, vaqueiro que cuida da roça, do gado e, em alguns lugares do sertão norte-mineiro, onde rios maiores correm a céu aberto, com pedras, pedras que rolam, ali se faz de vaqueiro que, ora era o garimpeiro. O vaqueiro do sertão norte-mineiro, na prática, interagiu com cerrado, só retira do mesmo o que realmente necessitava para sobrevivência (SILVA, 2007).

Por meio deste processo de construção histórica, afirma-se que as atividades agropecuárias, em torno da criação do gado de corte ou leiteiro, por muito tempo, teceram uma teia simbólica de múltiplos fios materializando, assim, havia o poder de representação da vida do sertanejo. O boi fez parte da agropecuária, que era extensiva e se fortalecia no Norte de Minas até o início do século XIX. Logo, essa presença determinante na consolidação dos primeiros povoamentos da região Norte Mineira, e, conjuntamente a criação, surge na agricultura de subsistência o plantio de: mandioca, andu, milho, feijão e fava, peças fundamentais na existência do sertanejo (LIMA, 1999). Foi através do trânsito de tropas e boiadas que demandavam as margens do rio São Francisco que nasciam os primeiros núcleos numa consequência concreta da presença de água em abundância e solos férteis. Esses

núcleos mantinham-se em decorrência do comércio do ouro, da carne, do couro e do sal. Pequeninos e mirrados, bois, cavalos, jumentos e bodes, nestes 61 milhões de hectares que constituíam a bacia do São Francisco, se adaptaram biologicamente e serviram de força animal a população.

Posto isso, as estradas, os homens de caminho, vaqueiros, tropeiros, fazendeiros, lavradores, agregados e boiadeiros ao transitar traziam seus traços culturais, que foram exemplos de homens que serviram ao povoamento do Vale do São Francisco. Ao ter por meio do comércio de tropas e de gado uma ascensão social, econômica e política para alcançar *status* políticos e se tornar fazendeiro ou coronel, à medida que constituía, assim, a história do Médio São Francisco. Os agregados moravam em extensões da fazenda, afastados da sede da fazenda, tinha como ofício cuidar do rebanho e noutros momentos ficava em hora ócio e poderia servir de feitor e capataz ou se dedicava a lavoura.

Na região Norte-Mineira do Vale do Rio São Francisco, cria-se o gado solto nos campos, o que, em parte, dificultavam os cuidados por exigir mais gente ou muita dedicação para mantê-los sadios e domesticados. Nas fazendas, sítios ou mesmo pequenas glebas, quem cuidava era o lavrador dono das terras e seus familiares, com ajuda muito frequente dos vaqueiros no trato aos animais. Assim, os vaqueiros das redondezas eram figuras importantes contratados para cuidar dessas reses, em troca de sortes por ocasião das vaquejadas, de glebas para lavoura, como meeiros, ou na terça parte ou de certa quantidade do leite.

Sendo assim, a representação geo-histórica do sertão estava intrinsecamente ligada à história da penetração, do povoamento e das atividades econômicas, ao ser resultado da expansão das rotas terrestres e fluviais que se desenvolveu durante o período colonial entre séculos XVI a XVIII. Inicialmente, as expedições objetivavam reconhecer o território e depois se apossar das terras descobertas, ao dominar, assim, os habitantes originais e os índios. As expedições que penetraram no Norte de Minas Gerais, no século XVI, foram: Espinoza Navarro, em 1553–1555, Sebastião Tourinho, em 1573 e Gabriel Soares, em 1590, e ao ser a expedição de Mathias Cardoso, a mais relevante a região norte-mineira, ao instalar-se, em 1689, as margens do rio São Francisco, ao ser o lugar, posteriormente, conhecido por Arraial do Cardoso.

Assim, os personagens, atores dessas narrativas históricas, foram, de fato, homens de caminhos que transitavam por todos os lados da região norte-mineira. O cenário de diversos acontecimentos narrados sobre violência no sertão, se desenrolaram nos povoados,

nas vilas, cidades e nos diversos caminhos do Norte de Minas entre si e se destacou no caminho de Itacambira, porque era rota principal para se chegar à Bahia. Sendo esse, o mais relevante caminho para contrabandear ao Estado da Bahia. Essa estrada ligava toda a região Norte-Mineira ao sertão baiano. No caminho de Itacambira, havia desde o final do século XVIII e XIX, um fluxo considerável de comércio e pessoa a época.

O Norte de Minas Gerais e os homens estradeiros

A exploração de ouro, nas Minas Gerais, ocorriam desde o final do século XVII. Neste período houve um grande deslocamento populacional para povoar e desenvolver a economia no interior da colônia. Assim, as atividades do tropeirismo surgiu como serviço de apoio à mineração e contribui para crescimento das regiões: Sul, Sudeste e Centro-Oeste, na perspectiva econômica dentro do contexto colonial. A partir do século XVII e início do XVIII, instauraram-se várias fazendas, que surgiram em núcleos que ia intensificar o processo de povoamento da colônia.

Neves (s.d., p. 88) nos mostra que o emprego economia “[...] do Sudoeste da Bahia e do vizinho Norte de Minas Gerais iniciou na transição do século XVII ao XVIII quando, simultaneamente, estabeleceram fazendas de gado no vale do Rio São Francisco, de onde se estendeu pelos cursos dos Rios Verde, Pardo, Doce e Araçuaí”. Por isso, no século XIX, as tropas já faziam parte do cenário histórico e nas primeiras décadas do século XX, continuaram responsáveis pelo transporte de mercadorias nos locais em que não existiam vias fluviais navegáveis, nem a presença de estrada-de-ferro. Assim, a expansão da criação do gado e o surgimento da agricultura de subsistência após o ciclo do ouro, as atividades de comércio e transportes dos tropeiros, permaneceu no sertão, cerrado norte-mineiro. Depois da presença dos escravos nas tropas, surgiram os lavradores e os vaqueiros que davam continuidade as atividades das tropas na região norte-mineira. Assim, ampliam-se pelos caminhos norte-mineiro as relações entre os camaradas das tropas, o arrieiro, o tocador, o ferreiro e os moradores do sertão pelos vários caminhos existentes no sertão cerrado.

Segundo Lenharo (1993, p. 24), as transformações econômicas e políticas da história do Brasil foram acompanhadas pelos tropeiros. Por isso, sua função relacionava-se as suas atividades comerciais e de transporte, variaram junto ao contexto histórico social. As regiões interioranas distantes do litoral dependiam do tempo desse meio de transporte por

mulas. Desde fins do século XVII, as lavras mineiras, por exemplo, exigiram a formação de grupos de mercadores. Longe de serem comerciantes especializados, os tropeiros compravam e vendiam de tudo um pouco, como: açúcar mascavo, aguardente de cana, vinagre, vinho, azeite, peixe seco, queijo, bacalhau, manteiga, farinha, gengibre, chouriço, vestimentas, sabão, algodão, sal, coco, por exemplos. Ao longo do século XVIII, a economia colonial desenvolvia a necessidade de abastecer os centros urbanos e o interior floresciam, principalmente, em Minas Gerais. Nos séculos XIX e XX, no Norte de Minas Gerais, houve um aumento do movimento nas trilhas, os núcleos desenvolveram-se, ao possibilitar a gradativa integração das economias regionais. Por essa razão, no entremeio dos séculos XVII e XIX havia um conjunto de vias terrestres, muitas delas simples com reapropriações de antigas trilhas indígenas, que se aproximaram das diferentes regiões do Brasil. O caminho em direção ao Rio das Velhas foi significativo para fazer o intercâmbio de toda espécie de produtos da região de Minas Gerais e Goiás.

Por isso, o tropeiro foi peça fundamental na engrenagem de ligação do interior com litoral brasileiro. O muar era o animal predileto dos tropeiros no Norte de Minas, animal forte e resistente apropriado para realizar o transporte de longas distâncias. Assim, enfrentavam caminhos íngremes do sertão adentro. O tropeirismo, no Brasil, iniciou-se nas primeiras décadas do século XVIII e foi tido por excelência como contribuinte na unidade e no desenvolvimento socioeconômico nacional. O comércio de tropas, principalmente de muares, tangidos das planícies do Rio Grande do Sul e do Prata, para as feiras de Sorocaba, em São Paulo. Em seguida, partiram em direção aos centros mineradores do Estado de: Goiás, Minas Gerais e Mato Grosso, onde esses animais tiveram outra serventia, condutores de cargas para serem comercializadas noutros mercados. O burro era a melhor opção de transporte de tração animal, pois não haviam veículos motorizados naquele período, mas veículos de atração animal. No sertão, as tropas eram por demais conhecidas, de longe todos já escutavam o trotar dos muares com estridente tilintar do sincerro da mula madrinha ou madrinheira, animal experiente que guiava a tropa. Na quarta parte do século XIX o tropeirismo atingia o seu período áureo, a partir do século XX até os anos de 1930 e 40, ainda existia um número mesmo que reduzido de algumas tropas pelo sertão norte-mineiro. As ideias caminhavam juntas as mercadorias, por isso, o comércio ambulante dos tropeiros influenciaram algumas gerações, no sertão norte-mineiro, extensão esta, percebida na linguagem, nos costumes, e na cultura como um todo.

O tropeiro era visto como elo facilitador da aproximação de dois mundos diferentes: o urbano e o rural. A atividade comercial ambulante dos tropeiros, não era muito fácil, transitavam por caminhos perigosos, ásperos, de animais ferozes e bandidos. A maioria dos tropeiros carregavam em viagens alguns cachorros, fiéis escudeiros e protetores pelo caminho afora. A tropa de muares constituía-se do grupo de animais, muitos burros e mulas que faziam o transporte de mercadorias, seguindo sempre em caravanas.

Segundo Silva(2003), em entrevista cedida por Gilberto Almeida ao autor e realizada em Taiobeiras (MG), no dia 17/08/2003, ao entrevistar o tropeiro Manoel Romualdo Sepúlveda, de 87 anos acerca do comércio ambulante das tropas no Norte de Minas, o entrevistado reiterou a importância da atividade comercial pelo sertão cerrado.

O lavrador teve relação de cumplicidade com cerrado/sertão. Durante o período das águas, o cerrado se enobrece, transforma-se em pura exuberância de cores variadas. Outra designação do Norte de Minas que foi muito utilizada pelos seus moradores foi em chamá-lo d’Os Gerais. Assim, o lavrador do sertão norte-mineiro, em sua prática de vida diária, interagia com o cerrado, só retira do mesmo o que realmente necessita. De clima tropical, com precipitação variando de 750 a 2000 milímetro (mm) por ano (EITEN, 1993). Os tempos de estiagem de longa duração ocorrem entre o mês de maio a outubro. Sendo o Gerais resultado de um conjunto de paisagens que compôs o cerrado. Por isso, tornou-se um ambiente de expressão de diversas formações, por incluir as concepções de transição para caatinga e mata seca.

O cotidiano do sertão norte-mineiro era composto por várias características que o compunham, destacava-se pela relevante proximidade entre cativos, forros e homens livres (FREITAS DE JESUS, 2005). A simplicidade da vida urbana/rural e uma menor dinâmica da economia possibilitavam um contato muito estreito entre os indivíduos. Tratava-se de um mundo que transformou escravos, libertos e homens livres em parceiros de crimes e companheiros de trabalho e lazer. As relações afetivas e amorosas foram uma espécie de “palco e seus bastidores” para as soluções violentas entre os homens livres. A proximidade implicava antes de tudo intimidade, cumplicidade, mas, ao mesmo tempo, propiciava uma arena de conflito.

As idas e vindas dos norte-mineiros revelaram a nova dinâmica na migração rural e urbana, as diferenças entre mundo de lugar de origem e lugar de destino, esse movimento levaram os trabalhadores oriundos do campo a “tentarem a sorte” no Norte de Minas,

principalmente, à cidade de Montes Claros, cidade polo da região. Mas, essa mobilidade social, tanto atraía grupos de rapazes ao interior de São Paulo para trabalhar em plantio e colheita do café como já apareciam alguns poucos profissionais nas pequenas cidades do interior norte-mineiro, como: militar, professor, jornalista, costureira, comerciante e ferreiro. Porém, havia uma dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Por isso, fez com que a maioria dos trabalhadores continuariam a exercer pequenos serviços por diária ou empreita com trabalho informal. Consequentemente, tinha seu direito trabalhista negado, logo, havia à negação do exercício da cidadania.

A população sertaneja desenvolveu uma vivência social intensa entre grupos sociais locais, ao caracterizar e dar sustentação essa forte cultura apoiada numa prática efetiva dos costumes, cânticos religiosos, promessas e penitências e muita perseverança de cunho popular (PAULA, 2009). Dentro da própria região do sertão cerrado norte-mineiro, os habitantes desempenharam uma articulação de relações no interior das comunidades, seriam povoados ou vilas que estabeleciam a organização social, espacial e econômica. Ao se fixarem, os povos constituíram um modo próprio e singular de ser entre pares e ao ambiente sertanejo.

Assim, a combinação dos serviços prestados pelos vaqueiros aos fazendeiros criadores de gado normalmente era feito por uma negociação pessoal entre partes envolvidas. Por isso, o pagamento dos vaqueiros era feito através das quartas ou quintas partes. Posto isso, entende-se que houve o aumento de currais na região e a criação de gado tornou-se extensivo. Logo, o número de lavradores e vaqueiros multiplicava-se, enquanto isso as atividades lavoureiras, criação de animais de pequeno porte era negociado com vaqueiro ou meeiro para doar o serviço na meia ou na terça, de modo que o produto final após colheita era dividido ao final da colheita ou o animal na era de venda.

Para Paula (2009), as ações e condutas dos indivíduos manifestavam-se nas relações interativas entre indivíduos de cada comunidade, entre pessoas e natureza, entre pessoas e coisas. Por isso, as técnicas do fazer diário, a ética do agir e uma lógica do pensar eram formados e estruturados nos costumes que solidificavam o modo de ser, agir e pensar e no viver, que construíam códigos e sistemas sociais, que foram institucionalizados e legitimados nas teias, redes tecidas de símbolo, sentidos e significados. Toda essa engrenagem simbólica foi materializada e exteriorizada por meio dos universos simbólicos e do material, nas práticas de trabalho, na unidade familiar e na obtenção de alimentos e recursos, que

possibilitariam a sobrevivência no sertão. As tradições diversas perpassaram o viver e o sentir no sertão e iam a tecer a identidade da e na comunidade sertaneja. No sertão, a construção da identidade não se encontra apenas nos modos difíceis de viver, mas permaneceram solidificados nas palavras, nos gestos de pessoas determinadas, em espaços e tempos predeterminados para garantir, assim, a ligação entre profano e sagrado, e todo esse ambiente simbólico permanecia entrelaçado, nas rezas, benzeduras, nas oferendas, nas penitências para alcançar a graça da chuva, nos banhos de ervas do mato, nas festas.

As festas e festejos eram momentos nobres para lembrar, encontrar, celebrar e festejar. No sertão, a religiosidade, que era predominante no sertão norte-mineiro o catolicismo, pois outras manifestações ocorriam em práticas secretas, estava interligada aos pontos fortes de culto aos santos e celebração do dia dos santos padroeiros, como, no sertão cerrado norte-mineiro, que festejavam o dia de: Nossa Senhora Aparecida, Santo Antônio, São João Batista, São Pedro, São Francisco, São Benedito, Nossa senhora do Rosário, São Sebastião, São Gonçalo e o Bom Jesus. Das danças, algumas permaneceram vivas, como: Dança de São Gonçalo, que, nos dias atuais, acontecem em muitos lugares no Norte de Minas. Além da prática religiosa diária, os homens do sertão ao lidar com gado, lidavam com outros animais existentes, na região, embora nesse período desta pesquisa, existia uma fauna e uma flora abundante.

Segundo Barros (1959, p. 8–9), Minas Gerais tornou-se o estado de cultura típica do sertão, em que os traços ancestrais trouxeram proximidades com animais e vegetais para si afirmar e se reunir para haver um equilíbrio permanente. Assim, a região era composta por casas mais pobres e viviam em comum com animais domésticos e semidomesticados, em casa ou em puxadas e alpendres com isso viviam uma vida de comunhão, duramente construída entre si. E, durante as vaquejadas, como já comentamos, entre um tempo e outro realizavam os mutirões de roçado. As vestes usadas em vaquejadas eram gibão ou casaco, peitoral ou contra peito, perneiras ou calça sem braguilha e sem cós, na mão levam consigo a agulhada e o laço na garoupeira. Assim, em todo esse processo de trabalho, a presença feminina era marcante. As mulheres associavam-se às lidas e desempenhavam várias tarefas, além dos cuidados aos filhos.

Assim, a cultura foi marcada pelo modo simples de ser, percebido na organização familiar, nas festas religiosas e na culinária com pratos típicos. Por isso, o sertanejo vivia em perfeita sintonia com seu habitat. Assim, desenvolveu um jeito próprio e original de

subsistência, ao incluir elementos de várias ordens, ao ter a solidariedade vicinal como aspecto de grande relevância, ao afirmar a todo momento o seu mundo, a sua fé por meio das promessas, que pegavam para: chover, cantorias, encomendas de almas. Nesse seguimento haviam as atividades artesanais, como: tecidos tramados no tear de fiar, entre outros. Dessa forma, firmou a sua identidade que não era superficial, que se esgotava naquilo que se via à primeira vista, mas uma identidade enraizada, imersa em valores regionais, orientada por um código do sertão, secreto, embasada numa lógica que lhes eram peculiares.

Sendo assim, as mulheres eram as responsáveis pela preparação dos alimentos diários e contavam sempre com ajuda dos filhos menores, poderiam ser meninos ou meninas. Os meninos, buscavam lenha e água, enquanto as meninas cortavam verduras, carne e catavam o cheiro verde na horta. Somente após o marido servir o prato era que os demais poderiam se servir. Quando recebiam visitas em residências, eram os visitantes as pessoas primeiras a servirem o prato. O momento da refeição era sagrado, lugar e hora de agradecer a Deus pelo alimento adquirido. O lazer acontecia muito nas cavalgadas atrás do gado, no quintal ou porta de casa, à noite, nas peladas de futebol, nas caçadas ou nos banhos nos rios. Em quase toda a região do sertão norte-mineiro, as pessoas estavam vinculadas por relações de parentesco, compadrio e agregação. Afinidades que a cada momento eram fortalecidas por processos coletivos, ao incluir as atividades de trabalho, ações religiosas, devoções e festividades. Todas estas relações eram mantidas e perpetuadas através dos laços de parentesco sustentados pelos casamentos e de compadrio entre famílias e conservadas pelo sagrado. Em muitos lugares no sertão esses laços sustentavam-se pelo matrimônio entre primos. As alianças matrimoniais e compadrio serviram para solidificar a união da comunidade, a terra era sempre dívida entre herdeiros quando casavam. As ajudas e parcerias de trabalho permaneceram comuns no meio rural, a solidariedade situava-se na reciprocidade entre trabalhadores rurais.

As primeiras informações, observações ocorreram sob análise dos viajantes europeus e das missões jesuítas que por esta terra andaram, traduzido pela lente dos primeiros ensaios de ficção uma narrativa da paisagem – só – natureza, ao contrariar, assim, as contribuições de Durkheim (1996), quando possibilitou a interpretar que o espaço era socialmente construído pela lógica da cultura. Talvez estiveram aí, nas narrativas da paisagem – só – natureza, os indícios negadores da dimensão cultural/social, ao ser sustentado pela dimensão de um lugar distante, vazio, isolado e inóspito.

O viajante Francês Saint-Hilaire (1975), no período Imperial, numa viagem pelo Brasil, fez a leitura da paisagem e do homem do sertão, logicamente, apoiado numa ideologia europeia, sustentada pela perspectiva do conceito de civilização. Nas suas primeiras incursões, a princípio teve imagens distorcidas pelo entendimento. Em seguida, fez algumas releituras para traduzir o sertão como um lugar selvagem e portanto, um ambiente que se refere aos primeiros habitantes. Ao mesmo tempo, pelo sertão encontrou índios bravios, mestiços, negros livres, lugar onde escondiam fugitivos da justiça, devedores da coroa, aventureiros, contrabandistas, negros de quilombos, mestiços. Em uma das análises, enfatizou que o sertão era lugar onde a justiça não se penetrava, não tinha poder de mando, não fazia cumprir as leis, esconderijo de todos os bandidos. Sendo assim, era lugar abandonado, sem morador, lugar de mato, de bicho, lugar sem civilização, onde os poucos moradores assemelham-se aos animais silvestres.

Assim, as divisões espaciais, sociais, simbólicas, culturais e econômicas, foi reiterada por Costa (2005), que recorreu aos dois signos específicos: o signo Minas Gerais que constituiu-se no olhar governamental e no signo sertão mineiro, que constituiu no jeito de olhar e ver das regiões Norte e Nordeste. Por isso, havia o imbricamento do sistema social pois em cada signo há sua materialidade e significante por meio das tradições culturais, festivas e modo peculiar de viver desse povo.

Considerações finais

As considerações finais em relação ao tema apontam para uma área de estudo rica e complexa que tem desafiado pesquisadores ao longo dos anos. O sertão, com sua paisagem árida, desafiadora e culturalmente rica, oferece um terreno fértil para investigações interdisciplinares que exploram as relações entre o homem e seu ambiente, bem como as manifestações culturais que surgem desse contexto. No entanto, também é fundamental olhar para o futuro e identificar as perspectivas de pesquisa que podem enriquecer ainda mais nossa compreensão dessa dinâmica.

As mudanças climáticas em andamento, o sertão está enfrentando desafios crescentes em relação à disponibilidade de água, desertificação e extremos climáticos. Pesquisas futuras podem se concentrar em como essas mudanças afetam a cultura, a economia e o modo de vida das comunidades sertanejas. Em relação aos estudos sobre como a cultura sertaneja evolui e como os sertanejos constroem sua identidade em um mundo em constante

mudança podem lançar luz sobre questões de preservação cultural e adaptação às pressões modernas.

Outra perspectiva de pesquisa importante é o papel das políticas públicas na promoção do desenvolvimento sustentável no sertão. Como as políticas governamentais podem ajudar a melhorar as condições de vida das populações sertanejas, ao mesmo tempo em que preservam sua cultura peculiar. Assim, entende-se que a produção literária e artística do sertão também merece atenção contínua. Estudos futuros podem explorar como a literatura, a música e as artes visuais refletem e moldam a cultura sertaneja, contribuindo para a sua preservação e renovação.

As mudanças climáticas são um desafio global que requer ações imediatas e políticas públicas adequadas. Assim, é fundamental confiar na complexidade entre interação do indivíduo, cultura e sertão do norte-mineiro para entender como essas políticas podem ser mais eficazes e sustentáveis.

O sertão do norte de Minas Gerais é uma região caracterizada por uma grande diversidade cultural e profunda interação com terra e clima. As comunidades rurais desse sertão dependem diretamente da agricultura e pecuária, e as mudanças climáticas têm um impacto significativo ao seu modo de vida. A escassez de chuvas, o aumento das temperaturas e os eventos climáticos extremos tornam a agricultura ainda mais desafiadora, ameaçando a segurança alimentar e econômica dessas comunidades.

Além disso, as políticas públicas não podem ser formuladas sem levar em consideração a cultura e as tradições locais. Os indivíduos que vivem nesse sertão possuem um conhecimento profundo da terra e das práticas agrícolas adaptadas à região. Portanto, é crucial envolver as comunidades locais no desenvolvimento de políticas que visam enfrentar as mudanças climáticas. Isso não apenas aumenta a eficácia das medidas, porém respeita e preserva a cultura e o conhecimento acumulado ao longo das gerações.

Para abordar as mudanças climáticas no sertão do norte-mineiro, as políticas públicas devem considerar a promoção de práticas agrícolas sustentáveis, como: agricultura de conservação e uso eficiente da água. Além disso, a educação e a conscientização acerca das mudanças climáticas são integradas nas comunidades, de modo que os indivíduos possam tomar decisões informadas e adaptar suas atividades de acordo as suas necessidades.

A preservação da cultura local e a promoção da resiliência às mudanças climáticas não devem ser objetivos conflitantes. Ao contrário, é encontrar possíveis soluções que

equilibrem o desenvolvimento sustentável com a preservação da identidade cultural e do modo de vida do sertão no norte-mineiro. Isso requer uma abordagem holística que envolve a participação ativa das comunidades, o apoio do governo e a colaboração de instituições de pesquisa e organizações não governamentais.

Com a crescente integração regional e globalização, o sertão não é mais isolado do mundo. Pesquisas futuras podem analisar como essas influências externas afetam a cultura e a economia do sertão e como os sertanejos respondem a essas mudanças. Além disso, à medida que a tecnologia avança, é importante investigar como a adoção de novas tecnologias afetam as comunidades sertanejas, desde a agricultura de precisão até a conectividade digital. Entretanto, convém lembrar que a saúde e a educação continuam sendo áreas críticas de pesquisa, considerando as disparidades existentes entre o sertão e as áreas urbanas. Como melhorar o acesso a serviços de saúde e educação de qualidade no sertão é uma questão fundamental.

Em visto disso, o estudo da relação entre cultura e sertão é uma área multidisciplinar que oferece oportunidades emocionantes para pesquisas futuras. À medida que as dinâmicas sociais, econômicas e ambientais continuam a evoluir, é essencial que os pesquisadores explorem essas mudanças e trabalhem para garantir um futuro mais sustentável e próspero para as comunidades sertanejas, potencializando ao mesmo tempo suas ricas manifestações culturais.

Referências

AMANTINO, Márcia. **O mundo das feras, os moradores do sertão oeste de Minas Gerais-Século XVIII**. São Paulo: Annablume, 2008.

ARAÚJO, Alceu Maynard. [1959]. **Populações Ribeirinhas do Baixo São Francisco**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 2000.

BARROS, Souza. **Cercas sertanejas: traços ecológicos do sertão pernambucano**. Rio de Janeiro: Editora Massangana, 1959.

CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta de Pero Vaz de Caminha. A El-Rei D. Manuel Sobre o Achamento do Brasil**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. Tradução: KlaussBrandiniGerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, João Batista de Almeida. Cultura, natureza e populações tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. **Revista Verde Grande**. Universidade Estadual de Montes Claros - Unimontes, Prefeitura Municipal de Montes Claros - vol. 1, n. 2, 2005.

DENIS, F. [1955]. **Brasil**. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo e Livraria Itatiaia. Editora Ltda, 1980.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREITAS DE JESUS, Álysson Luiz. **O sertão oitocentista: violência, escravidão e liberdade no Norte de Minas Gerais - 1830–1888**. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG, 2005. (Dissertação de mestrado).

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.

LENHARO, Alcir. **As tropas da moderação** (o abastecimento da corte na formação política do Brasil - 1808–1824). 2ª ed.. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisa de Editoração, 1993. (Biblioteca Cariosa; v. 25).

LIMA, Nísia T. **Um sertão chamado Brasil**. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

MENDONÇA, Marcos Carneiro de. **Correspondência do governador e capitão-general do estado do Grão-Pará e Maranhão Francisco Xavier de Mendonça Furtado: 1751–1759**. 2ª ed.. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005.

NAVARRO, Martín de Azpilcueta. **Comentario resolutorio de câmbios**: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, Madrid: Fundación Civismo, 1965.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **Uma comunidade sertaneja: da sesmaria ao minifúndio**: um estudo de história regional e local. Salvador: EDUFBA. Prelo, p. 88.

PAULA, Hermes Augusto. **Montes Claros sua história sua gente seus costumes**. Coleção Sesquicentenária - Montes Claros: Editora Unimontes, 2009.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A Formação e o Sentido do Brasil**. Companhia das Letras, 1997.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

RUTHERFORD, Jonathan. **Identity Community, Culture, Difference**. London: Lawrence & Wishart, 1984.

SAHLINS, Marshall; SERVICE, Elman (orgs.). **Evolution and culture**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1988.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às nascentes do Rio São Francisco**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EdUSP, 1975.

SILVA, Célia Nonata. **Territórios de mando** – banditismo em Minas Gerais, século XVIII. Belo Horizonte: Crisália, 2007.

SILVA, Willian Sepúlveda. **O cotidiano de tropeiros no Norte de Minas Gerais nas primeiras décadas do século XX**. 2004, 38f. Monografia (Graduação) - Curso de História - Universidade Estadual de Montes Claros. Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2003.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 7–72.

Artigo submetido em: 27 de outubro de 2023.

Artigo aceito em: 08 de novembro de 2023.

Artigo publicado em: 10 de novembro de 2023.